

Documentação

Fonte: FSP (cotidiano)

Data: 16/9/2002 Pg. C4

Class.

SAÚDE Promotoria e Estado tentam descobrir o que está provocando a elevada incidência do problema em população ribeirinha

'Cidade de cegos' mobiliza autoridades no PA

MAURÍCIO SIMIONATO

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MUANÁ (PA)

"Em um mês perdi a visão. Meus olhos apenas ardem."

O relato acima é do lavrador Raimundo Pontes, 59. Ele é um dos 66 ribeirinhos da localidade do rio Atua, no município de Muana, no Pará, que afirmam estar ficando cegos.

O caso mobiliza todas as autoridades de saúde do Pará, além do Ministério Público Estadual. As causas ainda são desconhecidas. Promotores e a Secretaria Estadual da Saúde iniciaram as investigações há duas semanas.

Até agora, o Ministério Público ouviu 66 pessoas que afirmaram possuir deficiência visual, sendo que 16 estão cegas de um olho e dez não enxergam nada.

Os principais relatos dos sintomas apontam fortes dores de cabeça, ardência nos olhos, alucinações visuais e visão enfumaçada. Em 90% dos casos, a vista direita é a primeira a ser atingida.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) estima que um índice tolerado no mundo seria de 10 a 20 casos de cegueira, em média, para cada 100 mil habitantes. Em uma população de pelo menos 2.000 habitantes, como as localidades que beíram o rio Atua, no sul do arquipélago de Marajó, o índice tolerável seria de 0,2 a 0,4 caso de cegueira.

Entre as principais causas investigadas pelos promotores e autoridades de saúde estão contaminação química, origem genética, causas naturais e infecção por insetos — que é a causa menos provável, segundo especialistas.

Poucos moradores têm recursos para procurar um oftalmologista na capital paraense. São oito horas de barco até a sede do município de Muana e mais oito horas de barco até Belém.

Os casos começaram a ser registrados quase que simultaneamente



te há dez anos, mas há casos que surgiram há um mês. A idade média da população que apresenta cegueira é de 50 anos, predominantemente homens. Mas há um caso recente de uma jovem de 27 anos que está cega.

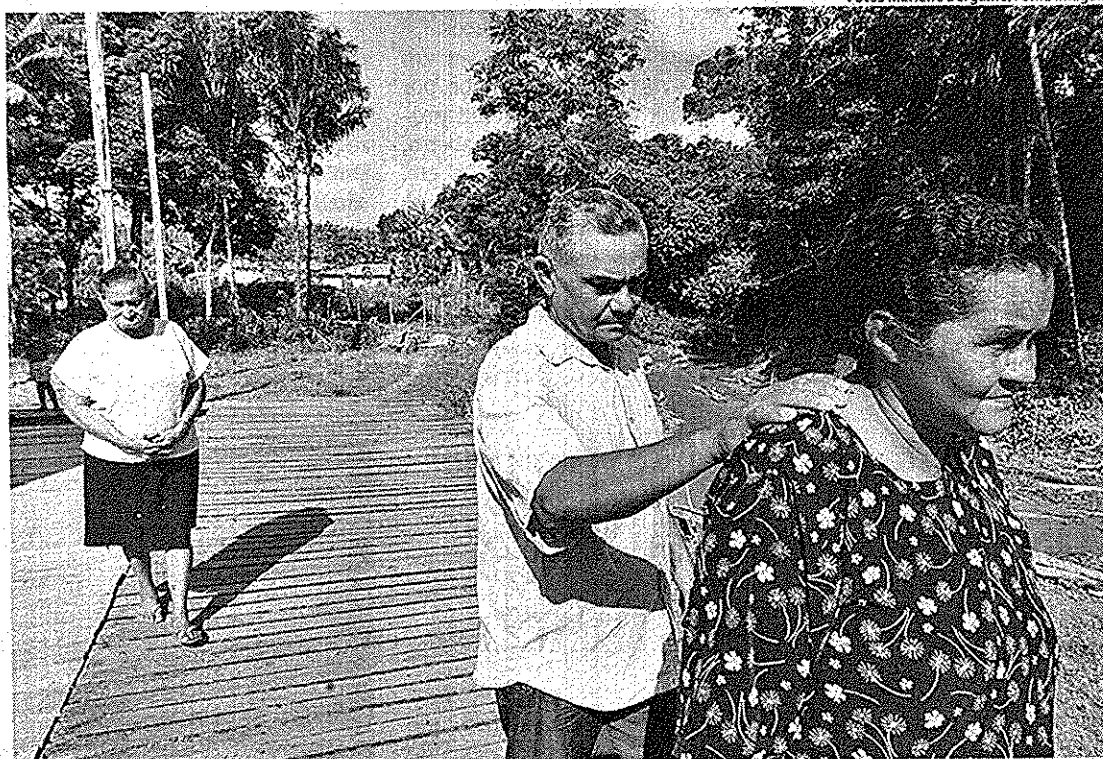
"Tem dias em que os olhos e a testa não param de doer. Tudo começou com a vista direita, que fechou, depois não enxerguei mais nada", disse Cleide Coutinho Nunes, que parou de trabalhar na roça quando ficou cega.

A Agência Folha ouviu 33 relatos de ribeirinhos cegos ou que dizem ter deficiência visual. Com a doença, eles deixam de pescar e trabalhar na lavoura.

Moradores disseram ao promotor Francisco Lauzid que os casos podem estar ligados a uma contaminação supostamente causada pela prospecção de petróleo. A primeira prospecção na região ocorreu há 40 anos, e a última há 15 anos, segundo moradores.

O Ministério Público apura se algum metal pesado ou outros agentes químicos contaminantes foram utilizados. O Estado formou um grupo de especialistas para trabalhar no caso. Foram coletadas amostras de água, solo, sangue e fezes. O laudo deve ficar pronto em dez dias.

A Secretaria da Saúde de Muana admite, oficialmente, apenas seis casos de cegueira no município e prefere se manifestar só após a conclusão dos laudos do Estado.



Em Muana, o lavrador Raimundo Pontes, 59, com problema de visão, caminha auxiliado pela mulher

'Só vejo uma bola preta', diz lavrador

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MUANÁ

O lavrador Raimundo Nonato Machado de Souza, 51, perdeu a visão do olho direito há três anos. Desde então, tudo o que vê com esse olho é uma "bola preta".

"Só enxergo um pouco com a vista esquerda. Na outra, há uma espécie de bola preta, que aumenta quando tento focalizar uma imagem distante", afirma.

Apesar de ter ficado cego com 48 anos, Souza acha que não deve se queixar do problema na visão. "Não tenho do que me queixar, acho que é a idade."

Assim como no caso do lavrador Souza, a maioria dos moradores dessa região que reclamam de cegueira apresenta uma lista de sintomas semelhantes: dores de cabeça, olhos lacrimejantes, co-

ceira e ardência nos olhos e a visão esfumaçada.

Outro lavrador, Manoel Maria Coutinho, 56, conta que escorre "uma água quente de seus olhos diariamente" e sua cabeça dói muito. "Isso acontece todo dia há dez anos. Ainda enxergo um pouco, mas tudo parece esfumaçado no lado direito", disse.

A dona-de-casa Maria José dos Anjos Machado, 43, afirma que, há três anos, teve de parar de costurar por causa dos problemas em sua vista. "Eu não consigo mais distinguir nem a fisionomia das pessoas. Sinto dor de cabeça e muitas tonturas."

O pescador Benedito Amaral Nunes, 32, relata que seus olhos incham e coçam quase todos os dias. "Tudo começou há 12 anos. Hoje eu não enxergo quase nada.

Quando o meu olho incha pela manhã, eu não faço mais nada durante todo o dia."

Durval Germano Costa, 29, conta que começou a perder a visão há cerca de dois anos. "Eu ainda consigo enxergar, mas minha cabeça dói quando tento ler ou assistir televisão. Sinto que estou ficando cego", conta.

O lavrador Esmarindo Pontes, 49, que também não enxerga, acredita que os casos de cegueira registrados na localidade do rio Atua podem estar relacionados a fatores externos, que teriam provocado contaminação.

De acordo com Pontes, os problemas teriam começado depois da explosão de bombas utilizadas na prospecção de petróleo no vilarejo, realizadas pela última vez entre 1987 e 1988.

Médico diz que pode ter havido contaminação

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MUANÁ

O oftalmologista Paulo Fernandes, professor da UFPA (Universidade Federal do Pará), atestou atrofia do nervo ótico, sem causa aparente, para os seis cegos de Atua que foram até Belém.

Fernandes rejeita a possibilidade de causas genéticas e de doenças como glaucoma e tracoma terem gerado os casos de cegueira.

Para o também professor de oftalmologia da UFPA, Ofir Dias Vieira, a atrofia do nervo ótico pode indicar que houve contaminação da população. "Os moradores podem ter ingerido ou inalado algum tipo de agente tóxico que atingiu o sistema nervoso central e o cérebro. Isso explicaria as alucinações visuais e as fortes dores de cabeça", disse Ofir Dias Vieira.

Vieira aponta que a absorção de elementos químicos como o chumbo ou o mercúrio podem causar a atrofia do nervo ótico.

O ontomologista Inocência Gorayeb praticamente descartou o envolvimento de insetos nos casos de cegueira. "Nenhum deles provoca atrofia do nervo ótico", disse Gorayeb.

A Secretaria da Saúde do Pará fará um mapa genealógico dos moradores do Atua para saber se uma causa genética estaria relacionada aos casos de cegueira. Os técnicos também coletaram amostras do solo e da água.